Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

OS IMPACTOS DO BULLYING NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO BASEADO EM “EXTRAORDINÁRIO”

THE IMPACTS OF BULLYING IN CHILDHOOD AND ADOLESCENCE: A STUDY BASED ON “WONDER”

Nicoly Gimenes Ficher
Victoria de Macedo Tunis
Orientadora: Gisele Machado da Silva Carita

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo compreender os impactos do bullying escolar no desenvolvimento infantil e adolescente, a partir da análise da obra literária Extraordinário. A pesquisa é de caráter qualitativo, exploratório e documental, tendo como principal fonte a narrativa do protagonista August Pullman, um menino com deformidade facial congênita que enfrenta o desafio da inclusão escolar e social. Procedeu-se análise de conteúdo, que revelou as seguintes categorias: Bullying versus Exclusão; Desenvolvendo Conexões; Identidade e Autoconhecimento; e Superação e Crescimento. Cada categoria foi dividida em subcategorias. A análise da obra possibilitou refletir sobre o fenômeno do bullying e suas implicações no desenvolvimento emocional, social e identitário das crianças e adolescentes, relacionando os acontecimentos do enredo às teorias do desenvolvimento humano propostas por Bronfenbrenner e Vygotsky. Os resultados indicam que o bullying é uma forma de violência intencional e repetitiva que interfere negativamente na autoestima e nas relações interpessoais, podendo gerar sentimentos de exclusão, medo e isolamento. Observa-se, entretanto, que a empatia, o acolhimento familiar e o apoio dos pares são fatores fundamentais para o fortalecimento da identidade e da autoestima, favorecendo o desenvolvimento saudável e o enfrentamento das experiências de discriminação. Conclui-se que a obra Extraordinário oferece uma valiosa contribuição para a reflexão sobre o papel da escola e da sociedade na promoção do respeito, da diversidade e da inclusão.

Palavras-chave: bullying escolar; desenvolvimento infantil; adolescência; inclusão; obra literária “Extraordinário”.

ABSTRACT

This Final Paper aims to understand the impacts of school bullying on child and adolescent development through the analysis of the literary work “Wonder”, by R. J. Palacio (2013). The research is qualitative, exploratory, and documentary, having as its main source the story of August Pullman, a boy with a congenital facial deformity who faces the challenges of school and social inclusion. A content analysis was conducted, revealing the following categories: Bullying versus Exclusion; Developing Connections; Identity and Self-knowledge; and Overcoming and Growth. Each category was divided into subcategories. The analysis of the book allowed reflections on the phenomenon of bullying and its implications for the emotional, social, and identity development of children and adolescents, relating the events of the story to the theories of human development proposed by Bronfenbrenner and Vygotsky. The results indicate that bullying is an intentional and repetitive form of violence that negatively affects self-esteem and interpersonal relationships, leading to feelings of exclusion, fear, and isolation. However, empathy, family support, and peer acceptance are shown to be essential factors for strengthening identity and self-esteem, promoting healthy development and coping with discrimination. It can be concluded that the literary work Wonder offers an important contribution to reflecting on the role of schools and society in promoting respect, diversity, and inclusion.

Keywords: school bullying; child development; adolescence; inclusion; literary work “Wonder”.

INTRODUÇÃO

A infância e a adolescência são períodos fundamentais para o desenvolvimento humano, caracterizados por mudanças significativas nos domínios físico, emocional, cognitivo e social (Papalia; Martorell; 2022). Durante a infância e a adolescência, a escola desempenha um papel central, proporcionando não apenas o aprendizado formal, mas também experiências que são essenciais para o desenvolvimento da identidade e da sociabilidade. No entanto, o ambiente escolar

pode ser marcado por desafios, entre eles o *bullying*, uma forma de violência recorrente que compromete o bem-estar e o crescimento saudável das crianças e dos adolescentes. Desse modo, tanto a infância como a adolescência são atravessadas por intensas transformações no plano afetivo, e é nesse processo que o indivíduo elabora vivências fundamentais para a construção da identidade, da autoestima e da capacidade de se relacionar com o outro.

A infância representa um ciclo decisivo para o desenvolvimento humano, no qual fatores biológicos, ambientais e sociais interagem de maneira dinâmica e profunda. É durante essa fase que a criança começa a construir sua identidade, desenvolver vínculos afetivos e habilidades sociais essenciais. Conforme apontam Papalia e Martorell (2022), o desenvolvimento infantil é moldado por uma complexa rede de influências biológicas e ambientais que atuam de maneira conjunta.

A puberdade marca um período de transição entre a infância e a vida adulta. Durante a adolescência, os jovens vivenciam a busca por identidade e sentem uma crescente necessidade de aceitação social. Nesse processo, tornam-se mais suscetíveis às influências dos pares, podendo enfrentar desafios como a exclusão social e os conflitos emocionais.

Paralelamente, ocorrem importantes transformações cognitivas, que favorecem o desenvolvimento do pensamento abstrato e reflexivo, possibilitando novas formas de interação com o mundo ao seu redor. De acordo com Jean Piaget, é na adolescência que o indivíduo entra no estágio das operações formais, caracterizado pela capacidade de pensar logicamente sobre ideias abstratas, formular hipóteses e considerar múltiplas possibilidades para um mesmo problema. Esse avanço cognitivo amplia a autonomia dos adolescentes, contribui para a construção de valores próprios, estimula a reflexão crítica sobre normas sociais e favorece a elaboração de projetos de vida (Piaget, 1975).

A adolescência, em especial, representa uma fase de reorganização psíquica, marcada por inseguranças e pela redefinição do lugar do sujeito na sociedade (Aberastury; Knobel; 1981). Essa fase também é compreendida como uma transição no desenvolvimento que envolve mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais, assumindo formas variadas em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos. De acordo com Erickson, é nesse período que o indivíduo enfrenta a tarefa central de desenvolver uma identidade pessoal, integrando as diferentes influências

recebidas ao longo da vida e estabelecendo um sentimento de continuidade e pertencimento (Erickson, 1972).

Nesse período, a escola exerce um papel significativo, sendo um espaço onde, além do aprendizado formal, a criança vivencia experiências fundamentais para sua socialização, para a construção da autoestima e estabelecimento de vínculos afetivos (Conselho Federal de Psicologia, 2019). No entanto, a presença do *bullying*, um meio de violência muito recorrente nas instituições de ensino, pode afetar negativamente esse processo, comprometendo a adaptação emocional e social da criança e do adolescente, gerando consequências como insegurança, isolamento e dificuldades emocionais (Conselho Federal de Psicologia, 2023).

O *bullying* escolar é uma forma persistente de violência que ocorre no ambiente educacional e pode assumir diversas formas, incluindo agressões físicas, verbais, psicológicas e virtuais. Conforme a Nota Técnica do Conselho Federal de Psicologia (2023), a violência na escola, da qual o *bullying* é uma das manifestações, está associada a múltiplos fatores, como desigualdade social, discriminação, exposição a conteúdos violentos e ausência de redes de apoio. Essa prática não afeta apenas o bem-estar imediato das vítimas, mas também compromete seu desenvolvimento emocional, acadêmico e social, podendo resultar em dificuldades de aprendizagem, isolamento, ansiedade e outros. Além disso, o *bullying* perpetua um ciclo de violência que afeta não apenas os indivíduos diretamente envolvidos, mas toda a comunidade escolar, criando um ambiente de medo e insegurança (Conselho Federal de Psicologia, 2023).

Assim, o *bullying* é compreendido como um processo de violência relacional que ocorre de forma intencional, repetitiva e sistemática, caracterizando-se por um desequilíbrio de poder entre agressor e vítima. Essa prática vai além de conflitos ocasionais, uma vez que se mantém ao longo do tempo, busca causar sofrimento, humilhação e exclusão do indivíduo atingido (Costa *et al.*, 2023; Santos *et al.*, 2021). No contexto escolar, essa violência manifesta-se de diferentes maneiras: por meio de agressões físicas, como empurrões e chutes; agressões verbais, como apelidos pejorativos e insultos; e também, por violências de ordem psicológica e moral, como exclusão social, perseguição, difamação ou disseminação de boatos. Além disso, com os avanços tecnológicos, o *bullying* se estende ao ambiente virtual, sendo denominado de *cyberbullying* (Santos *et al.*, 2021).

As consequências dessa prática são amplas e impactam o desenvolvimento infantil e adolescente. De acordo com Costa *et al.* (2023), crianças e adolescentes vítimas de *bullying* podem apresentar distúrbios do sono, ansiedade, baixa autoestima, depressão e, em casos extremos, ideação suicida. A exclusão social e a rejeição nas interações entre pares, mesmo em idade precoce, geram sentimentos de tristeza, medo e frustração, os quais comprometem a construção da autoestima e das habilidades socioemocionais (Santos *et al.*, 2021).

Ainda que muitas vezes associado à adolescência, o *bullying* pode estar presente já na primeira infância, evidenciando-se em situações como a exclusão em brincadeiras e a rejeição por colegas. Estudos apontam que, nessa fase, tais vivências podem gerar estresse tóxico e comprometer o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, além de aumentar a vulnerabilidade a problemas psicológicos ao longo da vida (Santos *et al.*, 2021).

Em razão de sua complexidade, o *bullying* não deve ser analisado apenas como uma ocorrência pontual, mas como um fenômeno que se entrelaça às experiências de desenvolvimento infantil e adolescente. Nesse sentido, compreender suas características e consequências possibilita avançar para a análise de seus impactos no crescimento emocional, cognitivo e social dos indivíduos, o que reforça a importância de estudá-lo sob diferentes referenciais teóricos (Costa *et al.*, 2023).

Para compreender os impactos do *bullying* no desenvolvimento infantil e adolescente, este estudo se apoia na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, proposta por Urie Bronfenbrenner. Segundo essa teoria, o desenvolvimento ocorre a partir da interação entre o indivíduo e os diferentes contextos nos quais ele está inserido. Bronfenbrenner (1996), organiza esses contextos em cinco níveis: o Microssistema, onde acontecem as relações mais próximas do indivíduo, ambientes nos quais ele interage diretamente, como família, escola e amigos; o Mesossistema, que representa as conexões entre esses ambientes, como a relação entre a família e a escola; o Exossistema, contextos que afetam indiretamente o indivíduo, incluindo políticas educacionais e redes de apoio social; o Macrossistema, que envolve aspectos culturais, ideológicos e normativos da sociedade; e o Cronossistema, que considera mudanças ao longo do tempo, incluindo experiências vividas e eventos históricos que moldam o desenvolvimento do indivíduo. No contexto do *bullying*, essa teoria permite compreender como diferentes fatores, desde relações interpessoais

até influências sociais mais amplas, podem contribuir para a ocorrência e os impactos dessa forma de violência.

Além da abordagem de Bronfenbrenner, a perspectiva sócio-histórica de Lev Vygotsky complementa essa análise ao destacar o papel essencial do meio social no desenvolvimento humano. De acordo com o autor, as funções psicológicas superiores se desenvolvem por meio de mediação de instrumentos, signos e, principalmente, pela interação social com indivíduos mais experientes, como adultos e colegas mais capazes (Vygotsky, 1991).

O aprendizado e a construção da identidade ocorrem por meio da interação social e da internalização das experiências compartilhadas. Vygotsky introduz conceitos como a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que descreve o potencial de aprendizado que uma criança pode alcançar com a mediação de adultos ou pares mais experientes. No caso do *bullying,* a falta de suporte adequado no ambiente escolar pode limitar esse desenvolvimento, prejudicando a autoestima e as habilidades socioemocionais da vítima. Ao mesmo tempo, intervenções baseadas na colaboração e no fortalecimento de vínculos sociais podem promover um ambiente mais inclusivo e minimizar os efeitos negativos dessa violência.

Dessa forma, as contribuições de Bronfenbrenner (1996) e Vygotsky (1991) possibilitam uma análise mais ampla sobre o impacto do *bullying* no desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes, evidenciando a importância de um ambiente escolar acolhedor e de relações sociais saudáveis para o desenvolvimento integral das crianças e dos adolescentes.

Considera-se ainda que a legislação brasileira estabelece um conjunto de diretrizes fundamentais para garantir os direitos das crianças e adolescentes, promovendo sua proteção integral e assegurando um ambiente educacional inclusivo e seguro. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei n.º 8.069/1990, representa um marco na proteção dos direitos infantojuvenis, consolidando princípios como o direito à educação, à dignidade e à convivência social livre de violência e discriminação (ECA, 1990). O ECA determina que a escola deve ser um espaço de desenvolvimento saudável, onde práticas como o *bullying* sejam prevenidas e combatidas, garantindo um ambiente acolhedor para todos. Além disso, o ECA também reforça a corresponsabilidade entre escola, família, sociedade e Estado na promoção de políticas de proteção e no enfrentamento da violência

escolar, o que evidencia a importância de ações intersetoriais para a construção de uma cultura de paz.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n.º 9.394/1996, estabelece as bases para a organização da educação no Brasil e reforça o compromisso com a formação integral dos estudantes. De acordo com a LDB, a educação deve estar fundamentada no respeito aos direitos humanos e na promoção de um ensino que favoreça a cidadania e a inclusão social (Brasil, 1996). Nesse sentido, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), Lei n.º 13.146/2015, amplia essa perspectiva ao garantir que crianças e adolescentes com deficiência tenham acesso à educação sem discriminação e com o apoio necessário para seu desenvolvimento pleno. A LBI reforça que a escola deve se adaptar às necessidades de todos os alunos, combatendo barreiras atitudinais e estruturais que possam impedir sua participação (Brasil, 2015). Ao integrar essas legislações, percebe-se que a garantia de um ambiente escolar seguro e inclusivo não é apenas uma recomendação, mas uma obrigação legal que exige o compromisso de toda a sociedade na construção de espaços educacionais que promovam a dignidade e o respeito às diferenças.

DESENVOLVIMENTO

O objetivo geral deste estudo é compreender os impactos do *bullying* escolar no desenvolvimento de crianças e adolescentes, através da obra literária "*Extraordinário"* (2013).

Os objetivos específicos desta pesquisa consistem em identificar e documentar os impactos do *bullying* escolar, as principais fases da violência e estratégias de prevenção, contribuindo para uma compreensão mais profunda das consequências sociais e emocionais do *bullying*. Almeja-se, ainda, contribuir para a conscientização sobre o *bullying* escolar através da elaboração de material virtual informativo sobre o *bullying* voltado para o contexto escolar.

Este estudo caracteriza-se por uma pesquisa exploratória e qualitativa sobre o *bullying* escolar, realizada através da análise documental da obra literária *"Extraordinário"* (2013). As vantagens do estudo incluem o foco em um único caso e uma análise subjetiva. No entanto, há limitações, como as restrições de acesso a

dados adicionais. Ainda assim, a ética do estudo é garantida pelo respeito aos direitos autorais, uso de fontes confiáveis e anonimato nas citações.

A Pesquisa Exploratória tem como principal objetivo investigar fenômenos que ainda não foram amplamente estudados, buscando uma melhor compreensão do contexto e possibilitando o levantamento de hipóteses. Neste caso, a pesquisa explora o fenômeno do *bullying* escolar a partir da análise do livro *"Extraordinário"* (2013), proporcionando uma visão mais ampla sobre as dinâmicas e as repercussões do *bullying* no ambiente escolar.

A Pesquisa Qualitativa visa compreender fenômenos de maneira profunda, focando na análise de contextos, significados e interações. No estudo do bullying escolar, a pesquisa qualitativa permite entender as experiências e percepções dos personagens, como o protagonista Auggie, dentro de um cenário realista e emocionalmente envolvente, sem a necessidade de quantificação dos dados.

As desvantagens da pesquisa qualitativa incluem a limitação na generalização dos resultados, já que se baseia em contextos específicos e subjetivos. Além disso, a interpretação dos dados pode ser influenciada pela perspectiva do pesquisador, o que exige cautela na análise. No estudo do *bullying* escolar, embora a abordagem permita compreender vivências individuais como as de Auggie, pode haver dificuldade em identificar padrões mais amplos do fenômeno.

A Pesquisa Documental utiliza fontes documentais, como livros, artigos e outros registros, para explorar o fenômeno de interesse. Neste estudo, a obra literária *"Extraordinário"* (2013) é o documento analisado, fornecendo dados e informações relevantes para a compreensão das práticas de *bullying* e suas consequências na vida dos estudantes.

A análise dos dados foi realizada a partir do método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2016). Este método é muito utilizado em pesquisas qualitativas e pode ser dividido em três etapas principais:

Leitura Flutuante: A primeira etapa da análise consiste em uma leitura inicial do material (livro), com o objetivo de se familiarizar com o conteúdo e obter uma visão geral do que é tratado. O foco nesta fase é entender a narrativa global e identificar possíveis temas que emergem de maneira geral, como bullying, amizade, exclusão social e superação.

Análise Exploratória: Na segunda etapa, o conteúdo é segmentado em

unidades de significado. Isso implica identificar passagens específicas que abordam as diversas formas de bullying: verbal, físico, psicológico e social. Essas unidades de sentido são retiradas do livro e analisadas para destacar como o bullying é representado, quem são os agentes envolvidos e qual o impacto nas vítimas e nas testemunhas.

Codificação e Categorização: Após identificar as unidades de significado, elas são agrupadas em categorias e subcategorias. O objetivo é organizar o conteúdo de maneira a facilitar a análise e a discussão dos dados, revelando padrões e tendências relacionados ao bullying escolar.

Essa análise é importante para compreender os aspectos emocionais, sociais e psicológicos envolvidos no bullying, bem como suas repercussões para a formação da identidade dos personagens, especialmente para aqueles que vivenciam situações de exclusão, como o protagonista Auggie.

"Extraordinário" (2013) conta a história de August Pullman, um menino de 10 anos que nasceu com uma síndrome genética rara que causa deformidades faciais. Devido às suas condições de saúde, August nunca frequentou uma escola convencional, sendo educado em casa por sua mãe. No entanto, ele decide, com o apoio da família, enfrentar o desafio de ir à escola pela primeira vez no quinto ano, para tentar viver uma vida mais normal. Ao iniciar na escola, August começa a enfrentar o preconceito, o *bullying* e a exclusão por parte de seus colegas. Apesar de sua aparência incomum, August se revela uma pessoa gentil, inteligente e cheia de coragem. O livro acompanha sua jornada ao longo de um ano escolar, explorando temas como aceitação, amizade, superação e o impacto das atitudes dos outros.

A análise dos dados foi organizada em categorias temáticas que emergiram das representações sobre o *bullying* escolar, com base na abordagem qualitativa desta pesquisa. As categorias discutem os efeitos da exclusão, da rejeição e das práticas discriminatórias no ambiente escolar, à luz de autores como Vygotsky (1991) e Bronfenbrenner (1996), que compreendem o desenvolvimento humano como resultado das interações sociais e contextuais. Os achados também foram analisados à luz da legislação vigente, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/1996) e a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), que garantem o direito à convivência escolar livre de violência e discriminação. Além disso, documentos do Conselho

Federal de Psicologia (2019; 2023) reforçam a necessidade de políticas institucionais que promovam ambientes educacionais inclusivos, seguros e atentos à saúde mental. A discussão também se alinha aos princípios da Lei Brasileira de Inclusão (LBI, Lei nº 13.146/2015), que reforça o direito à equidade, à acessibilidade e ao respeito às diferenças dentro do ambiente escolar.

O *bullying* escolar é um problema grave e persistente, como ilustrado na obra *"Extraordinário"* (2013). A presente pesquisa, exploratória e qualitativa, analisou as representações do *bullying* escolar, e suas categorias e subcategorias temáticas são apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 1 - Categorias e subcategorias

Categoria	Subcategoria
Bullying versus Exclusão	Exclusão Escolar e Saúde Mental
	Intervenções Efetivas no Ambiente Escolar
	Inclusão de Pessoas com Deficiência
Desenvolvendo Conexões	A Importância do Pertencimento
	Aceitação e preconceito
	Amizade verdadeira x conveniência
	Colocar-se no lugar do outro
	Comunicação Não-Violenta
	Construindo Vínculos Saudáveis
	Diversidade Cultural e Tolerância
	O impacto das palavras no outro
	Quando o olhar acolhe
	Família, Solidariedade e Empatia / Redes de Apoio
Identidade e Autoconhecimento	Celebrando a diversidade
	Convivência com deficiências visíveis e invisíveis
	Descobrindo forças em meio à dor
	Diferença e Inclusão
	Escolas como espaços de inclusão
	O que é ser "normal"?
	Quem sou eu além da aparência?
	Vulnerabilidade e coragem
Superação e Crescimento	A escola da vida fora da sala de aula
	Apoio silencioso que fortalece
	Crescer com as cicatrizes
	Irmãos: rivalidade, amor e proteção
	Lições por trás da dor
	O papel da família na autoestima
	Transformando o olhar do outro sobre mim

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A relação entre *bullying* e exclusão escolar na obra retrata como o *bullying* gera impactos intensos na saúde emocional e nas relações escolares de crianças e adolescentes. A exclusão sofrida por Auggie demonstra o quanto a negação do outro afeta sua autoestima e bem-estar. O cenário de rejeição e sofrimento ilustra a necessidade de intervenções efetivas no ambiente escolar, visando à construção de espaços mais acolhedores, inclusivos e atentos à saúde mental. Um exemplo marcante ocorre quando alguns alunos criam o “jogo da peste”, no qual quem tocasse em Auggie seria considerado “contaminado”, evidenciando o quanto o *bullying* pode reforçar a exclusão e o sofrimento emocional. A narrativa mostra também que, ao longo da história, atitudes de empatia e acolhimento, como as de Summer e Jack Will, promovem a inclusão e o fortalecimento dos vínculos sociais. A estória mostra que a escola pode e deve ser um agente transformador, adotando práticas inclusivas, oferecendo suporte emocional e combatendo o *bullying* de forma sistemática. Assim, torna-se essencial investir em intervenções efetivas que construam um ambiente escolar mais acolhedor, inclusivo e atento à saúde mental de todos. De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2023), a violência nas escolas, incluindo o *bullying* e a exclusão social, compromete diretamente o desenvolvimento psicológico e emocional de crianças e adolescentes, exigindo ações sistemáticas de prevenção, acolhimento e cuidado. As escolas, como espaços de socialização fundamentais, devem promover relações respeitosas, seguras e equitativas, conforme orienta o próprio Conselho Federal de Psicologia (CFP) nas Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos na Educação Básica (2019), que ressalta a importância de políticas institucionais voltadas ao fortalecimento da saúde mental no contexto escolar.

Na categoria “Desenvolvendo conexões”, ao longo da narrativa, são apresentadas as conexões sendo construídas, reforçando o poder da comunicação não violenta e da escuta empática. A obra *“Extraordinário”* (Palacio, 2013) evidencia como vínculos saudáveis e solidários são fundamentais para que crianças e adolescentes se sintam pertencentes a um grupo. As redes de apoio formadas por colegas, professores e familiares mostram-se essenciais para enfrentar os efeitos do *bullying* e fortalecer o desenvolvimento socioemocional.

Um exemplo marcante dessa construção de laços é a fala de Summer, uma das primeiras colegas a se aproximar de Auggie: *“Quando tive que escolher com quem sentar no refeitório, sentei com Auggie. Acho que pessoas que fazem o que é certo*

deveriam ser reconhecidas" (Palacio, 2013, p. 64). Essa atitude simboliza o início de uma conexão genuína baseada em empatia e solidariedade, em contraste com as práticas de exclusão e preconceito presentes no ambiente escolar.

Ao retratar a jornada de Auggie, protagonista que enfrenta preconceitos por conta de sua aparência, a narrativa denuncia o julgamento social e destaca a importância de acolher as diferenças. A convivência com deficiências, sejam visíveis ou invisíveis, evidencia a urgência de uma reeducação do olhar e de práticas mais inclusivas na escola. Nesse cenário, a construção de conexões humanas se revela fundamental para transformar ambientes de exclusão em espaços de pertencimento, respeito e solidariedade. Nesse contexto, as reflexões de Vygotsky (1991) e Bronfenbrenner (1996) ajudam a compreender como as relações interpessoais e o ambiente social influenciam o desenvolvimento socioemocional. O professor, como mediador, atua facilitando a aprendizagem e a empatia entre os pares, enquanto o ambiente escolar, como microssistema descrito por Bronfenbrenner, é determinante para o fortalecimento de vínculos e redes de apoio. No livro, a cena em que Jack Will defende Auggie diante dos colegas evidencia a empatia genuína: "*Ele é meu amigo, e vocês não têm o direito de tratá-lo assim*" (Palacio, 2013, p. 142). Essa atitude demonstra a importância do desenvolvimento socioemocional e da solidariedade nas relações escolares.

A obra também apresenta a empatia como eixo central da convivência ética. Mais do que simpatia ou gentileza, trata-se da capacidade de se colocar no lugar do outro com sensibilidade e responsabilidade. Um exemplo de falta de empatia ocorre quando os colegas se recusam a aceitar Auggie no grupo da escola por sua aparência, fazendo comentários maldosos e evitando interações com ele. Esse isolamento evidencia como a ausência de sensibilidade pode gerar sofrimento emocional e exclusão social, reforçando a necessidade de ações educativas que promovam respeito e compreensão das diferenças (Palacio, 2013).

Segundo Palacio (2013), um olhar ou uma palavra podem acolher ou ferir profundamente e é justamente esse impacto que deve ser compreendido e trabalhado no ambiente escolar. O diálogo respeitoso, a escuta ativa e a comunicação não-violenta emergem como ferramentas importantes na prevenção de conflitos e na formação de vínculos. Além disso, a forma como os personagens se relacionam ressalta o peso das palavras, dos gestos e dos olhares nas experiências humanas.

A maneira como Auggie é tratado faz com que cada indivíduo reflita sobre o seu papel na construção de uma cultura escolar mais empática, acolhedora e inclusiva. De acordo com Bronfenbrenner (1996), as relações face a face que ocorrem no microssistema (como as interações diretas entre alunos, professores e familiares) são determinantes para o desenvolvimento social e emocional da criança. No contexto da obra, as interações de Auggie com colegas como Summer e Jack Will ilustram como vínculos positivos no microssistema escolar podem promover inclusão, empatia e suporte emocional, ao passo que comportamentos de exclusão ou *bullying* prejudicam seu bem-estar e sentido de pertencimento. Desenvolver conexões, portanto, é muito mais do que estabelecer laços; trata-se de criar espaços de escuta, aceitação e crescimento mútuo. A estória de Auggie reforça que a escola, ao promover o respeito às singularidades e ao incentivar a formação de redes de apoio, pode se tornar um ambiente transformador, capaz de não apenas ensinar conteúdos, mas também formar cidadãos mais conscientes, empáticos e humanos.

No livro, a passagem em que Jack Will se coloca contra os colegas para defender Auggie é uma demonstração concreta de empatia e altruísmo. Sua atitude impõe limites à exclusão praticada com Auggie e evidencia o poder que essas ações têm no fortalecimento dos laços escolares e no desenvolvimento dos jovens. Sob a perspectiva de Bronfenbrenner (1979), essas interações cotidianas são essenciais para que as crianças se desenvolvam psicossocialmente, pois é no convívio direto com pares e adultos que elas construirão valores como solidariedade, respeito e senso de pertencimento.

Por sua vez, Vygotsky (1991) destaca que o aprendizado e o desenvolvimento se dão mediados por interações sociais, sendo que a troca entre pares e a mediação de indivíduos mais experientes favorecem a internalização de valores como respeito, solidariedade e cooperação. Nesse sentido, a história evidencia que relações escolares de qualidade não apenas minimizam os efeitos do *bullying*, mas também contribuem para a construção de competências socioemocionais essenciais.

Outras referências reforçam que redes de apoio, comunicação não violenta e práticas inclusivas são fundamentais para transformar a cultura escolar e favorecer o pertencimento de todos os alunos (Palacio, 2013; Castro *et al.*, 2018; Oliveira *et al.*, 2020).

Em “Identidade e Autoconhecimento”, ao longo da obra, torna-se perceptível o processo de construção da identidade vivenciado por Auggie. Mais do que lidar com o olhar do outro, ele precisa enfrentar seus próprios conflitos internos, buscando compreender quem ele é para além da aparência. A narrativa revela como a exclusão pode afetar a autoestima, mas também impulsionar o sujeito a descobrir forças e significados pessoais em meio à dor. Nesse processo, a vulnerabilidade não é negada, mas sim acolhida como parte da trajetória de crescimento. A estória de Auggie desafia rótulos impostos socialmente e desconstrói a ideia de “normalidade”, propondo uma reflexão profunda sobre a diversidade humana. O protagonista questiona: “*O que é ser normal?*” e “*Quem sou eu além da aparência?*”, perguntas que evidenciam sua busca por autoconhecimento e autenticidade. Sua trajetória mostra que a verdadeira identidade vai além de características físicas ou diagnósticos, sendo construída na relação com o outro e com a própria história. A partir do convívio com deficiências visíveis e invisíveis, a obra convida o leitor a olhar para além da superfície e reconhecer que o preconceito pode se manifestar de formas sutis no cotidiano. Auggie nos lembra que nem toda deficiência é visível e que a empatia começa com a disposição de enxergar o outro em sua totalidade.

Nesse sentido, os princípios da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – LBI (Lei nº 13.146/2015) reforçam a importância de garantir equidade, acessibilidade e respeito à diversidade no ambiente escolar. A legislação assegura o direito à educação inclusiva em todos os níveis de ensino, promovendo condições que valorizem as diferenças e eliminem barreiras atitudinais e sociais. A estória de *“Extraordinário”* (Palacio, 2013) traduz, de forma simbólica, o que a LBI propõe em termos de prática: uma escola que reconhece as singularidades e promove o direito de todos à convivência, à participação e ao aprendizado em igualdade de condições. Assim, a narrativa de Auggie torna-se um convite à reflexão sobre a necessidade de uma cultura educacional pautada na equidade, empatia e inclusão efetiva.

Inspirado em Goffman (1986), o conceito de estigma é fundamental para compreender como Auggie é percebido socialmente. O uso do capacete simboliza o manejo da informação, mecanismo descrito pelo autor como forma de ocultar o que é considerado socialmente desviante. Assim, o personagem busca preservar sua identidade e evitar olhares discriminatórios.

Inspirada em conceitos como os de Erving Goffman (1986), que discute a forma como a sociedade lida com as diferenças e os estigmas, a narrativa reforça a importância de ambientes escolares que promovam a inclusão real e significativa. Cada sujeito é único, e reconhecer essa singularidade é essencial para a construção de uma identidade saudável e respeitada. Por fim, a obra mostra que ser vulnerável pode ser um ato de coragem. A jornada de Auggie inspira ao demonstrar que é possível transformar a dor em força e a sensibilidade em potência. A formação da identidade, nesse sentido, não acontece apesar da vulnerabilidade, mas justamente por meio dela em um processo profundo de aceitação, crescimento e descoberta de si.

Em “Superação e crescimento”, a trajetória de Auggie revela que a superação não se restringe aos ambientes formais de aprendizagem, mas se estende à “escola da vida fora da sala de aula”. Os desafios cotidianos, enfrentados com resiliência e apoio, tornam-se lições essenciais para o crescimento pessoal. Nesse processo, o apoio presente nas pequenas atitudes e na presença de familiares, amigos e professores desempenha um papel fundamental ao fortalecer emocionalmente o indivíduo, criando um ambiente seguro e acolhedor mesmo em momentos difíceis. De acordo com Bronfenbrenner (1996), o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações face a face nos microssistemas como família, escola e grupos de pares, que influenciam diretamente a formação da identidade e o bem-estar emocional. Na obra *“Extraordinário”* (Palacio, 2013), observa-se a importância dessas relações nos diferentes microssistemas que cercam Auggie. Em casa, o suporte emocional da mãe e o incentivo do pai representam uma base segura para o enfrentamento do preconceito e das dificuldades vividas no ambiente escolar. A relação com a irmã Via também revela o impacto das interações familiares: embora ela demonstre sentimentos de ciúme e ambivalência, há um vínculo de amor, proteção e empatia, evidenciado quando defende o irmão diante de comentários maldosos. No contexto escolar, o apoio de colegas como Summer e Jack Will constitui outro exemplo de como relações positivas nos microssistemas fortalecem a autoestima e a resiliência, permitindo que Auggie desenvolva confiança e pertencimento. Esses vínculos reforçam que o crescimento emocional e social é um processo interdependente, construído na convivência e no cuidado mútuo. Crescer com as cicatrizes, portanto, significa reconhecer que as marcas deixadas pelas dores e pelos sofrimentos

emocionais não são fraquezas, mas sinais de amadurecimento e força conquistada ao superar adversidades. Quando essas experiências são acolhidas e compreendidas nos espaços de convivência, especialmente na família e na escola, transformam-se em fontes de aprendizado e fortalecimento da identidade.

Além disso, a narrativa aponta que a dor vivida carrega lições profundas, que ultrapassam o sofrimento imediato e ajudam a construir uma visão de mundo mais empática e resiliente. No entanto, o livro também evidencia como crianças e adolescentes com diferenças físicas muitas vezes recorrem ao manejo da informação para minimizar o preconceito e a exclusão. Um exemplo marcante é o uso do capacete por Auggie nos primeiros dias de escola, como forma de esconder sua deformidade e reduzir a atenção negativa dos colegas (Palacio, 2013). Essas lições são fundamentais para que o indivíduo possa transformar seu olhar e o olhar do outro, superando preconceitos e exclusões, e alcançar um processo de aceitação e reconhecimento.

Os resultados mostraram que o *bullying* causa danos emocionais significativos ao protagonista Auggie (Palacio, 2013), afetando sua autoestima, saúde mental e relações sociais. A análise de conteúdo revelou três categorias de *bullying*: verbal, físico e social.

No livro, foram identificados a prevalência, o impacto emocional e a importância da empatia. Outra cena marcante ocorre quando Summer, espontaneamente, decide sentar-se com Auggie no refeitório no início do ano letivo, mesmo diante do isolamento que ele sofre dos outros colegas. Ao ser questionada depois por que fez isso, ela responde simplesmente: “Porque eu queria.” (Palácio, 2013, p. 119).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender as representações do *bullying* escolar por meio da análise da obra *“Extraordinário”* (Palacio, 2013), identificando os impactos emocionais, sociais e identitários vivenciados por crianças e adolescentes expostos a práticas de exclusão, preconceito e violência simbólica. A partir da abordagem qualitativa e da análise temática, emergiram categorias que revelam como a escola, enquanto espaço de socialização, pode tanto reproduzir desigualdades quanto promover transformações.

Os resultados indicam que o *bullying* não é um fenômeno isolado ou pontual, mas um reflexo de padrões culturais, sociais e institucionais que reforçam a rejeição das diferenças. A exclusão vivida por Auggie ilustra de forma sensível como o estigma e o preconceito afetam diretamente a formação da identidade, a autoestima e a saúde mental dos sujeitos, especialmente quando vinculados a características físicas ou deficiências.

Sob a ótica de teóricos como Vygotsky (1991) e Bronfenbrenner (1996), reforça-se a compreensão de que o desenvolvimento humano é profundamente influenciado pelo contexto social, pelas relações interpessoais e pelos ambientes nos quais o indivíduo está inserido. A escola, nesse sentido, possui papel central como espaço de formação ética, emocional e cidadã.

As legislações brasileiras, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/1996) e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), garantem o direito a uma educação inclusiva, respeitosa e livre de qualquer forma de discriminação. Contudo, os dados discutidos evidenciam que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que esses direitos se concretizem de maneira plena no cotidiano escolar. A discussão também se alinha aos princípios da Lei Brasileira de Inclusão (LBI, Lei nº 13.146/2015), que reforça o direito à equidade, à acessibilidade e ao respeito às diferenças dentro do ambiente escolar.

As diretrizes do Conselho Federal de Psicologia (Conselho Federal de Psicologia (CFP), 2010; 2023) reforçam a importância de práticas institucionais que promovam o acolhimento, a prevenção da violência e o fortalecimento de redes de apoio dentro da escola. Promover a empatia, a comunicação não-violenta e a escuta ativa são estratégias fundamentais para o enfrentamento do *bullying* e para a construção de um ambiente que celebre a diversidade.

Em determinado momento, a professora Srta. Petosa demonstra sensibilidade e respeito ao lidar com Auggie em sala de aula, tratando-o com naturalidade e garantindo que ele tenha as mesmas oportunidades que os demais alunos. Ela não o expõe, mas cria um ambiente onde ele possa participar ativamente, reforçando o acolhimento institucional e o respeito às diferenças.

Esse tipo de atitude por parte de um educador reflete práticas recomendadas pelas diretrizes do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2019; 2023), que orientam

para uma postura acolhedora, não discriminatória e promotora de bem-estar emocional. A postura da professora também evidencia o papel essencial da escola no fortalecimento das redes de apoio e na criação de um ambiente escolar seguro e inclusivo.

Considera-se, portanto, que investir em políticas educacionais inclusivas e em práticas pedagógicas que priorizem o respeito às singularidades é um compromisso ético e social das instituições escolares. O desafio de superar o *bullying* envolve não apenas medidas punitivas, mas a criação de uma cultura escolar baseada no pertencimento, na empatia e no cuidado mútuo. Como demonstra a trajetória de Auggie, transformar o olhar sobre o outro é o primeiro passo para construir uma sociedade mais justa, humana e verdadeiramente inclusiva. Destaca-se ainda a importância de pesquisas sobre o tema que possam instrumentalizar a intervenção interprofissional junto a alunos, professores, pais e gestores, dentre outros.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **A adolescência normal**. Porto Alegre: Artmed, 1981.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União,** Brasília, DF, seção 1, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 01 set. 2025;

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em: 01 set. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 01 set. 2025.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano:** experimentos naturais e planejados. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CASTRO, J. G. H.; LEITE, E. X.; SILVA, M. G. H. A Inclusão Escolar de alunos com Deficiência no contexto das Escolas de Tempo Integral da Rede Pública. **Revista de Psicologia**, [*s.l.*], v. 12, n. 41, p. 991-1005, jul. 2018. DOI: https://doi.org/10.14295/idonline.v12i41.1276

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Nota técnica**: violência nas escolas. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2023. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/05/nota-tecnica-violencia-nas-escolas.pdf Acesso em: 01 set. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas (os) na Educação Básica.** Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2019. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/08/EducacaoBASICA_web.pdf Acesso em: 01 set. 2025.

COSTA, A. R. *et al.* Bullying na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação,** São Paulo, v. 9, n. 6, p. 4435-4440, jun. 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i5.10305. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/10305/4105/15407. Acesso em: 01 set. 2025.

ERIKSON, E. H. **Identidade: juventude e crise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

OLIVEIRA, I. T. T.; FEITOSA, F. S.; MOTA, J. S. Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais: desafios da prática docente. **Humanidades & Inovação**, [*s.l.*], v. 7, n. 8, p. 81-95, 2020. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1867 Acesso em: 01 set. 2025.

PALACIO, R. J. **Extraordinário.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

PAPALIA, D. E.; MARTORELL, G. **Desenvolvimento Humano.** 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2022.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SANTOS, A. O. P. *et al.* O bullying na primeira infância: revisão integrativa da literatura. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 34, p. 1-18, 2021. DOI: 10.5902/1984686X61898. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/61898. Acesso em: 01 set. 2025.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICE A - Folder informativo para alunos, pais e educadores

O Bullying na escola

Folder informativo para alunos, pais e educadores

O que é Bullying?

O *Bullying* é uma forma de violência que acontece quando uma pessoa ou um grupo de pessoas machuca, humilha ou exclui outra pessoa, repetidas vezes e de forma intencional.

Quem sofre *Bullying* costuma se sentir triste, com medo de ir à escola e pode perder a vontade de brincar e de estudar.

O *Bullying* não é brincadeira, dói por dentro e por fora.

Formas de Bullying

O *Bullying* pode acontecer de diversas maneiras, com palavras, gestos, apelidos, empurrões ou até pela internet.

- **Físico:** Empurrar, bater, chutar, beliscar, esconder ou estragar pertences.
- **Verbal:** Xingar, colocar apelidos, ofender, espalhar boatos.
- **Psicológico:** Excluir, isolar, fazer chantagem, ameaçar, intimidar.
- **Virtual (Cyberbullying):** Usar redes sociais, jogos ou mensagens para humilhar ou ofender alguém.

O que fazer se estiver sofrendo Bullying?

Se alguém está praticando *Bullying* com você, saiba que isso não é culpa sua e que não é preciso enfrentar isso sozinho (a)!

Conte o que está acontecendo para um adulto de confiança: um familiar (mãe, pai, avó, tio, irmão mais velho), para um professor, um funcionário da escola, coordenação ou para a direção.

Você também pode:

- Escrever o que sente;
- Conversar com um amigo que te apoia;
- Pedir ajuda ao psicólogo da escola.

O papel da escola e da família

A escola e a família precisam trabalhar juntas para combater o *Bullying*!

Na escola, professores e funcionários devem observar, ouvir e acolher os alunos. Aulas e conversas sobre respeito e convivência ajudam a entender que as diferenças nos tornam únicos e que o diálogo é sempre o melhor jeito de resolver conflitos.

Em casa, a família deve conversar, ouvir e apoiar. Pais e responsáveis podem perguntar como foi o dia na escola e escutar o que as crianças e os adolescentes sentem.

Combatendo o Bullying na escola

- Respeite as diferenças.
- Ajude quem está sendo maltratado.
- Pense antes de brincar com alguém, brincadeira é para ser algo feliz e não para causar sofrimento.
- Seja gentil, uma atitude positiva pode mudar o dia de outra pessoa.

"Quando tiver que escolher entre estar certo e ser gentil, escolha ser gentil."

(Extraordinário, 2013)

Nicoly Gimenes Ficher
Victoria de Macedo Tunis

Fonte: Elaborado pelas autoras.